

Um Alpinista no Continente Gelado



No verão de 2000-2001, o CAP teve seu próprio projeto. Aproveitando a estrutura de um acampamento cancelado, 3 alpinistas do clube demarcaram, a pé e puxando trenós, a rota pela calota de gelo da Ilha Rei George entre a EACF, a estação polonesa Arctowski e a estação peruana Machu Picchu.

Foto: Francisco Petrone

Não é propriamente fácil acampar na Antártica. Apesar da ótima infraestrutura fornecida pelo Programa Antártico Brasileiro - PROANTAR, significa ficar algumas dezenas de dias sem as amenidades da civilização, às quais estamos tão acostumados. Banho só de caneca, e quando dá, ir ao banheiro pode ser um tormento. As barracas não têm isolamento térmico, e protegem somente do vento. Comunicação com o mundo exterior, com a tecnologia disponível de hoje, até que existe, porém limitada - nos primeiros acampamentos, quando muito, conseguia-se contato através do rádio HF. O frio é constante. A louça da refeição principal, às vezes, não é lavada e sim remediada com o que se tem - alguns, sou testemunha, já usaram a língua para limpá-la - claro somente o próprio prato, e mesmo assim, sob o protesto dos demais...

Os trabalhos em campo são muitas vezes sofridos e os deslocamentos, em algumas circunstâncias, perigosos.

O mais crítico é o vento, que nos dias difíceis, pode ultrapassar os 80 nós (mais ou menos 150 Km/h). Vários acampamentos já tiveram barracas destruídas. Nessas horas se costuma fazer a velha pergunta: O que

estou fazendo aqui? Se um alpinista profissional faz essa pergunta, imagina o que não passa pela cabeça de um leigo...

É nessa situação que os alpinistas trabalham na Antártica. Tem que ter o conhecimento técnico, nada mais que não se use na montanha, mas também ter boa cabeça, pois ao alpinista é confiada a segurança do pesquisador.

A HISTÓRIA

Uma das histórias mais antigas contadas no Clube Alpino Paulista - CAP, fala do seu fundador, o saudoso Domingos Giobbi que, no final da década de 1950, criou um clube de montanhismo para escalar em alta montanha, com gelo e neve. Mas no Brasil, terra tropical, com belíssimos paredões rochosos, sem um pingão de neve: O que quer um brasileiro com um clube, em São Paulo, para escalar em montanhas que nós não temos? Essa deve ter sido a pergunta que muitos alpinistas, inclusive do Rio de Janeiro, terra de grandes escaladores de rocha e, na época, de vários clubes de montanhismo devem ter se perguntado. Domingos Giobbi queria, na verdade, companhia para explorar e escalar os Andes e, para isso, precisaria desenvolver um gru-

po que pudesse enfrentar as dificuldades e os perigos das altas montanhas geladas.

Giobbi acabou mirando no que viu e acertou, também, no que não viu. De sua iniciativa, colhemos um fruto para o clube que criou e, mais para frente, outro para o Brasil. Muitos anos mais tarde, mais precisamente no verão de 1982 e 1983, o Brasil faria sua primeira expedição, com o NApOc Barão de Teffé, para a Antártica. Para aquela viagem foi feito um convite ao CAP para que enviasse dois de seus alpinistas especializados nos ambientes nevados. Estes tiveram a honra não só de participar da viagem, bem como de ajudar na montagem, no ano seguinte, dos primeiros oito módulos da Estação Antártica Brasileira Comandante Ferraz - EACF.

Daí para a frente, nunca mais os alpinistas deixaram de participar das Operações Antárticas. No início, o trabalho era guarnecer a EACF, mas depois passaram para uma função ainda mais importante, apoiar os acampamentos de pesquisa.

Atualmente, 60 alpinistas do Clube Alpino Paulista já foram para a Antártica por meio do PROANTAR. Desses, cerca de um terço têm ido com certa frequência ou continuam ativos seguindo suas paixões pelas montanhas.



UM ACAMPAMENTO NA ANTÁRTICA

A atividade de um acampamento do PROANTAR começa ainda no Brasil, com a análise da região de pesquisa e do tipo de atividades que serão realizadas. Das informações obtidas, pode-se começar o planejamento logístico e a execução dos “Tabelões” de equipamentos. Das necessidades específicas de cada projeto, faz-se a logística no que tange ao trabalho do alpinista.

O lançamento dos acampamentos é feito a partir dos Navios “Ary Rongel” e “Almirante Maximiano” e o desembarque pode ser feito, dependendo das características do local, por bote ou de helicóptero. Mas antes, todo um trabalho deve ser realizado nos Navios. Entre



Acampamento sendo desmontado.

Foto: Francisco Petrone



Após tempestade, o trabalho de desenterrar as barracas.

Foto: Francisco Petrone

as tarefas dos alpinistas, podemos citar: a conferência dos manifestos de carga; a verificação dos equipamentos de comunicação e dos geradores, além de apoio ao Coordenador Embarcado, ao Chefe de Operações e ao Chefe da Pesquisa na definição de locais de instalação de acampamentos e na sequência de desembarque.

A montagem (e também a desmontagem) é um período crítico do acampamento. Nestes dias, tudo tem que ocorrer de forma precisa, e para isso o trabalho é árduo. Dependendo da situação, a correria é para garantir um teto e comida para a primeira noite. Muito importante é a montagem de forma a prever sempre o pior, ou seja, as famigeradas tempestades.



Acampamento na Ilha James Ross – verão 2006-2007. Ao fundo a Península Antártica.

Foto: Francisco Petrone

Feito isso, passa-se a viver o dia a dia do acampamento: frio, cansaço, falta de banho, tempestades, e muito, muito trabalho. Mas nem sempre é tão difícil, dias com tempo bom acontecem. O trabalho corre solto e as conversas são animadas. Vez ou outra, pode-se comer um delicioso pão assado na hora ou até mesmo uma pizza, que os mais criativos e solícitos se encarregam de fazer.

Para o alpinista, a rotina do acampamento consiste em mantê-lo sempre em ordem, cuidando para que tudo esteja bem ajeitado - os ventos gostam de roubar material! Outras tarefas são preparar as saídas de campo, cuidar da segurança da pesquisa nos deslocamentos, observar as condições do tempo e as condições físicas e psicológicas da equipe, entre outras. Os demais trabalhos são compartilhados com a equipe.

MAIS TRABALHO

Preparar e viajar para a Antártica não resume o trabalho do grupo de alpinistas “antárticos” do CAP. Uma das atividades nas quais o grupo se faz presente, desde o início do PROANTAR, é o Treinamento Pré-antártico - TPA. São ministradas aulas de segurança e deslocamento, do funcionamento dos acampamentos e sobre as vestimentas oferecidas pelo Programa. São organizadas, também, atividades práticas, como os Acam-

pamentos Modelo, onde se tem uma vivência do acampamento antártico e se treina a montagem e a desmontagem. Dependendo da programação, são ministradas aulas práticas de deslocamento em glaciares e técnicas básicas de montanhismo e resgate.

Outras atividades são as inspeções de materiais de acampamentos e de segurança na Esantar (Estação de Apoio Antártico), além do constante contato com a logística do Programa para, sempre que possível, atender as demandas que surgem.

Para todas essas atividades, o alpinista do CAP deve ter uma experiência mínima de atividades de montanha que inclui cursos básico de montanhismo e de progressão e escalada em neve e gelo. Além disso, o alpinista deverá ter uma experiência mínima comprovada em ascensão ou deslocamento em montanhas ou campos de gelo e neve. O CAP possui uma Escola de Guias estruturada que fornece esses e outros cursos. Para a Antártica, fazemos treinamentos internamente para adequar os conhecimentos do montanhista às peculiaridades do PROANTAR.



Os acampamentos possuem barracas individuais, mas neste caso, depois de desmontá-las, veio o mau tempo e a retirada pelo navio foi postergada. Assim, todos dividiram a barraca principal, onde ficava o fogão e se passava o dia. Foto: Francisco Petrone



Para o alpinista, o Programa Antártico Brasileiro é uma chance de ampliar horizontes e de fazer amigos. O trabalho envolve um grande senso de responsabilidade e de organização e oferece, àqueles que se dispõem, a oportunidade de aprender sobre as várias vertentes de pesquisa

e a experiência em realizar um trabalho em conjunto com a Marinha do Brasil.

Falando um pouco da minha vivência pessoal, os acampamentos, apesar do desconforto que às vezes sentimos, ou daquela clássica pergunta “o que eu

estou fazendo aqui?”, sempre terminaram sendo uma experiência muito feliz.

Texto: Francisco E. Schorer Petrone, Alpinista do CAP desde 1992. Petrone participou de 14 Operações Antárticas e de 20 TPA, e vem apoiando o PROANTAR desde 1996.



*Os alpinistas do CAP Peter Barry e Luiz Consiglio na travessia de um campo de gelo. Na época do ano em que esta imagem foi feita, as fendas no gelo ainda estavam cobertas por grossa camada de neve.
Foto: Francisco Petrone*

Francisco Petrone